

Virgílio Balestro

DESIGUAIS

da **DESIGUAIS**  
**NATUREZA**

e **DESIGUAIS**  
**INCOMUNS**

DES

*GPS dos treze Hércules jaltantes*

*A serious political fiction; any  
coincidence may be a mere truth.*

  
**CHAMPAGNAT**  
EDITORA • PUCPR

DESIGUAIS *da* NATUREZA  
*e* DESIGUAIS INCOMUNS



Virgílio Balestro

**DESIGUAIS *da* NATUREZA  
e DESIGUAIS INCOMUNS**

GPS dos treze Hércules faltantes

*A serious political fiction;  
any coincidence may be a mere truth.*

**CHAMPAGNAT**  
EDITORA • PUCPR

CURITIBA | 2012

2012, Virgílio Balestro  
2012, Editora Universitária Champagnat

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por quaisquer meios sem autorização expressa por escrito do Editor.

### Editora Universitária Champagnat

Direção: Ana Maria de Barros  
Coordenação: Viviane Gonçalves de Campos – CRB 9/1490  
Capa: Christopher Hammerschmidt  
Diagramação: Janete Yun  
Impressão: Reproset Indústria Gráfica Ltda.  
Projeto gráfico: Christopher Hammerschmidt e Janete Yun  
Revisão de texto: Virgílio Balestro

Editora Universitária Champagnat  
Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar  
Câmpus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR  
Tel. (41) 3271-1701 - Fax (41) 3271-1435  
editora.champagnat@pucpr.br – www.editorachampagnat.pucpr.br

---

B184d Balestro, Virgílio  
Desiguais da natureza e desiguais incomuns: GPS dos  
treze Hércules faltantes / Virgílio Balestro. - Curitiba :  
Champagnat, 2012.  
500 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-7292-263-0

1. Ciência política - Miscelânea 2. Brasil - Condições  
políticas 3. Brasil - Política econômica 4. Economia. I. Título.

CDD 320.02



## REMINISCÊNCIAS E AGRADECIMENTOS

No mover as cortinas deste ensejo, esbarra-se na emoção paranista pelo transcurso do centenário da *cellula mater* ou DNA da universidade nacional, protagonizada por José Francisco da Rocha Pombo (\*Morretes, 1857-1933, + Rio de Janeiro), com a sua equipe vanguardeira e inspirada.

Insiro o meu efusivo reconhecimento aos Irmãos Maristas pela oportunidade dos bons estudos, sobretudo na PUCRS, na PUCPR, na PUC-Rio e em Paris.

Agradeço ao eminente Dr. Ives Gandra da Silva Martins o salvo-conduto do seu prefiar por demais gentil e generoso; Deus guarde a Sua Excelência.

Agradeço ao Reitor Magnífico Dr. Prof. Clemente Ivo Juliatto a paciente e integral leitura prévia dos originais, bem assim os comentários críticos e as sugestões no concernente a este meu modesto esforço.

Na memória da saudade, fico muito grato aos meus mestres, a maioria dos quais já partiu. Em contraponto, folgo em agradecer aos milhares de antigos alunos, especialmente paranaenses, catarinenses e rio-grandenses, porque muito aprendi com a ousada provocação das suas inesperadas perguntas e desafios. Todos a todos educam; quem

bem educa ensina e quem bem ensina educa. Agradeço aos antigos e atuais colegas; entre eles houve alguns escritores, como no Colégio Marista Paranaense.

Agradeço o empenho e o profissionalismo de Viviane Gonçalves de Campos e equipe para que a presente obra viesse a lume com aprazada efetividade e *timing*. Rogo a esta mesma equipe que bem me represente no agradecer e no retribuir aos benfeitores que aqui não constam pelo próprio imperativo do espaço.

Curitiba, 12 de abril de 2012.

O autor.

## SUMÁRIO

11 **PREFÁCIO**

15 **PRELÚDIO**

Capítulo I

27 **DESIGUAIS QUE INVENTAM E DESIGUAIS DE ORGANIZAÇÃO**

Capítulo II

53 **NÚMEROS VISÍVEIS E INVISÍVEIS DO PIB E DA DEMOGRAFIA**

Capítulo III

79 **ALIANÇA DO NÃO E DO SIM NO PENSAR QUE EXORBITA OU  
DESARVORA**

Capítulo IV

91 **O SANSÃO DA REPÚBLICA**

Capítulo V

103 **MISSA DE CORPO AUSENTE DO REI DOS CELTAS (1890-1970)**



Capítulo VI  
115 **A PÁTRIA GRANDE REQUER EDUCAÇÃO MUITO OUTRA**

Capítulo VII  
159 **BRASÍLIA ACAMPAMENTO E BRASÍLIA CINQUENTENÁRIA**

Capítulo VIII  
189 **ENSAIO, ORQUESTRA E MÚSICA DE CONOTATIVO INSTITUCIONAL**

Capítulo IX  
235 **INSTITUIÇÕES PAUTADAS PELO NOSSO ESPELHO DE ERROS E ACERTOS**

Capítulo X  
269 **A MINISSOBERANIA DA URNA DEMANDA OUTRA JUSTIÇA ELEITORAL**

Capítulo XI  
297 **DOIS IMPERATIVOS: POLÍTICA SÁBIA E ADMINISTRAÇÃO COMPETENTE**

Capítulo XII  
323 **O NAVEGAR POLÍTICO DE HOLOFOTE NA PROA E NÃO NA POPA**

Capítulo XIII  
347 **O TEMPO, MESTRE E ALUNO SEMPRE EM CURSO E DISCURSO**

Capítulo XIV  
381 **AUTOESTIMA DESIGUAL DE GRANDES E PEQUENOS**

Capítulo XV  
397 **EXIGÊNCIAS DO VISITANTE NOTURNO DO DESENVOLVIMENTO**

Capítulo XVI

**415 COMPRESSÕES, DESCOMPRESSÕES E RITO DEMOCRÁTICO  
REALISTA**

Capítulo XVII

**445 NO DESIGUALAR PESSOAS E NAÇÕES, NATUREZA E DESTINO DOAM  
OU VENDEM?**

Capítulo XVIII

**471 A REPRESENTAÇÃO PLEBISCITÁRIA DAS UNIDADES FEDERATIVAS**

**497 PERSONAGENS CITADAS, INCOMPLETAS BREVIATIS CAUSA**

Sobre o autor

**501 VIRGÍLIO BALESTRO**



## PREFÁCIO

O livro de Virgílio Balestro, coletânea de reflexões variadas e multidisciplinares sobre o homem e o mundo, a história e o político, a filosofia e o poder, o material e o transcendental, é obra que encanta e induz à reflexão, provocando, mesmo naqueles que possam divergir do autor, admiração, pela solidez dos argumentos e lógica cartesiana no desenvolvimento de suas ideias.

O autor é um historiador nato. Por esta razão, navega, com desenvoltura, pelos quadrantes da aventura do homem sobre a terra, em todos os períodos e espaços, desde a sua origem narrada até os dias atuais. Não é, todavia, apenas um narrador dos acontecimentos, mas um profundo analista dos personagens e dos fatos, razão pela qual a contribuição que traz à compreensão do evoluir dos acontecimentos é rica e densa.

Como filósofo – e o é, na verdadeira acepção da palavra – pondera o que narra, meditando e expondo suas opiniões, o mais das vezes, corajosas, inovadoras e, muitas vezes, críticas.

Como analista político, examina toda a história, à luz de uma pessoal teoria do poder, em que suas convicções doutrinárias são expostas, na busca de um modelo ideal, nada obstante a natureza incorrigível do homem, quando exerce a força de mando.

Como educador, não esconde suas ideias e nem deixa de apresentar soluções, não poucas vezes contrárias à mediocridade reinante.

Como estudioso de Constituições – documento político por excelência – traz sua análise para os modelos em que acredita, neles envolvendo seus idealizadores, prota-  
gonistas e defensores.

É, portanto, o autor, um homem múltiplo, um humanista com o perfil próprio e hoje raro daqueles sábios do passado, que abarcavam a cultura da época.

A leitura dos mais variados temas é extremamente aprazível e para mim, especialmente, em face da grande afinidade que tenho com seu pensamento e a grande convergência de ideias, em quase todos os pontos.

Os estudos foram escritos em espaços diversos, razão pela qual definem considerações válidas para a época Brasília, por exemplo, que devem ser reavaliadas à luz dos dias atuais.

Ao examinar a história brasileira, demonstra sua preferência pelo parlamentarismo, regime que o saudoso Raul Pilla definia como do “da responsabilidade a prazo incerto” contrapondo-se o da “irresponsabilidade a prazo certo” do presidencialismo. Não esconde sua admiração por Silveira Martins, a figura maior do partido, que deu origem ao único partido autenticamente parlamentarista da velha República (Partido Libertador) e cujas origens estão na fundação do Partido Liberal, em 1861.

A grandeza de Silveira Martins, que deveria substituir Visconde de Ouro Preto, quando da intentona republicana de 15 de novembro de 1889, está na frase proferida quando, desarmado, foi preso por todo um destacamento militar: “Estou desarmado. Não lhes fica bem tanto medo”.

Como presidi o Partido Libertador, em São Paulo, de 1962 a 1964, por indicação do Deputado Raul Pilla e de Mem de Sá, à evidência suas palavras sobre o “Sansão do Império” impressionaram-me, pois, não só para os “libertadores”, Silveira Martins era um símbolo, como representa, para o parlamentarismo, a transição entre o Império e a República.

É de se lembrar que o próprio Deodoro não tinha certeza se derrubara o Gabinete ou a Monarquia, naquela noite, apenas tomando ciência de que proclamara a República,

quando lhe comunicaram esse fato. Até porque sendo idoso, cansado e asmático, fora levado a liderar o movimento, sem tê-lo preparado.

13

É curioso que, se não fosse alertado por Campos Salles, no dia de sua posse como Presidente da República, na antessala do salão onde ocorreria o ato, teria sido empoesado ostentando no peito todas as condecorações recebidas do Imperador!

PREFÁCIO

Na sua luta parlamentarista, o autor lembra o processo constituinte e não se furta a elogiar o anteprojeto de Henry Maksoud e o seu modelo de uma "demarquia". Amigo pessoal e consultor de Maksoud, acompanhei, dia a dia, a elaboração de seu anteprojeto, fazendo-lhe as observações que me pareciam adequadas, tendo sido o primeiro, após a conclusão do trabalho, a escrever sobre ele na revista "Visão". Como Maksoud, o autor, é também um idealista, que sonha com um país melhor, com homens menos interessados pelo poder e mais interessados na nação e no povo. Não sem razão, hospeda também as teses de Hayek em seus escritos, de rigor, na linha de Roberto Campos.

Quando, com Maksoud, Roberto Campos, Simonsen, Serra, Galvêas e alguns notáveis juristas, fundamos a Academia Internacional de Direito e Economia em 1986, a nossa grande preocupação fora criar uma linguagem comum entre a Economia e o Direito, e permitir que o povo, mais do que os governos, decidisse sobre os destinos do seu desenvolvimento e projetos, cabendo ao Estado uma função regulatória, fiscalizatória, mas jamais de planejamento obrigatório.

Não só, porém, na Economia e no Direito, o livro do autor é excelente e instigador. Também na reflexão sobre educação, quando analisa e compara sua evolução no Brasil e no mundo, em nível de preparação da sociedade; o exame da crise mundial e da história recente da Europa e do mundo (com destaque, embora com algumas restrições, para a figura hercúlea de De Gaulle); os instrumentos de governança, em que a competência administrativa e a política de estadista são exaltados, à luz de controles legais; a comparação dos níveis de desenvolvimento dos países ricos e emergentes, em que não se furta a fazer um paralelo, nos estertores do século passado, entre as duas Alemanhas e as duas Coreias; as propostas de reformulação parlamentar, com participação popular maior nas urnas e em muitos outros pontos que o leitor aproveitará, tão variada, tão rica, tão expressiva, tão didática, tão lógica é toda sua exposição, nos 18 capítulos de seu livro, cujo título não deixa de ser curioso e instigador, ou seja "Desiguais da natureza e desiguais incomuns".

Espero que o leitor tenha a mesma satisfação e o mesmo proveito que tive ao ler esta bela obra, que prefácio com particular entusiasmo.

DESIGUAIS  
da NATUREZA  
e DESIGUAIS  
INCOMUNS

Ives Gandra da Silva Martins

Professor Emérito das Universidades Mackenzie, UNIP, UNIFIEO, UNIFMU, do CIEE/O ESTADO DE SÃO PAULO, das Escolas de Comando e Estado-Maior do Exército - ECEME, Superior de Guerra - ESG e da Magistratura do Tribunal Regional Federal-1ª. Região; Professor Honorário das Universidades Austral (Argentina), San Martín de Porres (Peru) e Vasili Goldis (Romênia); Doutor Honoris Causa das Universidades de Craiova (Romênia) e da PUC-Paraná, e Catedrático da Universidade do Minho (Portugal); Presidente do Conselho Superior de Direito da FECOMERCIO, SP; Fundador e Presidente Honorário do Centro de Extensão Universitária - CEU/Instituto Internacional de Ciências Sociais - IICS.

## PRELÚDIO

Assinalam-se neste preâmbulo algumas pinceladas do que tenta dizer este ensaio. Por exemplo, em termos de educação, só deve ensinar quem soube aprender muito acima da média: preconiza-se que os sessenta ou setenta milhões de inteligências e corações dos nossos alunos devem ser entregues unicamente ao 5% ou mesmo ao 2% do alunado brasileiro mais qualificado, no concernente à liderança, notas e habilidades escolares *comprovadas*. Aí o bom emprego futuro será facilitado, sobretudo se a *direção* da escola e a *sala de aula* também obedecerem à criteriosa escolha meritocrática, longe do "quem indica político", ainda que a parafernália moderna seja modesta na aula, na diretoria e na administração. A contratação de quaisquer novos candidatos do ensino e da educação deve respeitar este *objetivo revolucionário*. Em termos escolásticos, o *cifrão* vale muito menos que a *qualificação e liderança* do mestre e da diretoria competente e dedicada. Em tal escola *todos educam a todos*. Por quê? Responda o escravo filósofo Epicteto: "*A tua convicção é que te impele, porque escolha prepara escolha*". Subdesenvolvimento, no essencial, é a persistente sucessão de más escolhas de infíndos escolhos, sobremaneira nos nossos *deserdados educandários*. Neste propósito, tenta-se ilustrar sobriamente o argumento de Epicteto.

Enfatiza-se a diferença dos números *visíveis e invisíveis* na economia. Ludwig Erhard, em 1948, assim via a aniquilada Alemanha ocidental: "*A economia alemã permite a cada alemão comprar um prato em cada quinquênio; um par de sapatos de doze em doze anos; um terno somente cada meio século; só um quinto dos recém-nascidos pode ter fraldas; em cada três alemães, apenas um pode acalentar a esperança de sepultamento condigno*". O Brasil, nesse momento, pode-se presumir que não tinha tamanha carestia e tamanho espaçamento para adquirir os citados bens ou assemelhados. Em tal dramático aguardo,



o nosso PIB deveria ser superior àquele do germânico ocidental, até porque o PIB nacional brasileiro, no período 1945-1957, ultrapassava com folga, mas precária e provisoriamente, o do Japão que, pouco depois, se manteria como segunda potência econômica do mundo até fins de 2010.

Na Alemanha Ocidental de Ludwig Erhard, em 1948, eram os *números visíveis* dos destroços, três anos depois da catástrofe. O *invisível* faria o portento. Em 1953, meros cinco anos depois, a mesma destrozada Alemanha ocidental, pisada pela bota vitoriosa de três potências do mundo, superava o PIB da Alemanha toda do pré-guerra. Não logro imaginar lição melhor de economia, pelo menos para compreender sensatamente os nossos *custos macunaímicos de transação* e os nossos *custos brasileiros*, para citar dois bloqueios, entre tantos, martelados cotidianamente na mídia de opinião. No estrato de cima, do meio e de baixo da sociedade alemã, na esfera pública e particular, houve formidável senso prioritário nas escolhas, particularmente no criterioso uso dos *dólares creditícios* das potências ocidentais que lhe ocupavam o território e até lhe imprimiam as cédulas fiduciárias do seu marco. Os nossos dois bilhões de dólares creditícios de 1945 transformaram-se em bugigangas e brinquedos, muito longe do necessário e urgente equipamento do país, na sucessão maligna das *más escolhas dos malditos escolhos ou abrolhos* de Epicteto.

Macarthur permitiu, por exemplo, que o Japão ocupado pudesse contar com três bilhões de dólares creditícios, *dólares de 1945*. O Brasil havia amealhado um pouco menos: dois bilhões de dólares; insisto com o leitor perito e prevenido que são dólares de 1945, já que moeda fiduciária comporta desfalecimento e data, até mesmo a moeda internacional. Em 1971, na City londrina, este viajante comprava o dólar por trezentos e sessenta ienes; hoje seriam suficientes setenta e seis. Com os dólares, porém, não soubemos ampliar e dragar os portos, construir ferrovias e asfaltar rodovias ou, em mais decisiva escolha, implantar um ensino moderno primário, secundário e superior. Pelo menos importava dar-lhe ótimo começo nas três escalas; nem soubemos multiplicar por cinco ou por dez o SENAI, ou algo equivalente, isto é, preparar a mão de obra qualificada da industrialização, do melhoramento das casas ou dos próprios serviços. Seria muito útil antecipar alguma *Embrapa* genérica ou mesmo específica, como no caso da recomposição concorrencial da nossa seringueira, quando se sabe que se pode plantá-la da Amazônia a São Paulo. Haja vista o grupo Michelin, que tem centenas de milhares de hectares de hévea em Goiás.

Sem civismo, sem valor e sem virtude, o "visitante noturno do desenvolvimento", segundo Fernand Braudel, passa adiante e vai bater em outras portas, mais previdentes e operosas. O setor educacional brasileiro, pelo descaso plurissecular, já não permite boas escolhas, porquanto necessitamos de *excelentes e urgentes opções*, malhadas na mídia de opinião como nunca. Para termos bons alunos, busquemos o professor entre 2% e 5% dos mais qualificados *candidatos a docentes*, em termos de liderança, habilidade e, obviamente, também com denso e atualizado projeto de preparar o estudante para um ou dois futuros empregos de qualidade. O candidato a professor deve exibir excelentes notas escolares *comprovadas*. A Finlândia vem fazendo isso e não tem necessidade de tanto perfeccionismo. A Coreia do Sul vem fazendo algo similar desde o armistício de 1953, quando exibia números econômicos algo inferiores aos nossos. Ela não precisou de quarenta anos para desenvolver-se e, *provisoriamente*, lograr um PIB não menor que o nosso ou aquele da Rússia, no seu mui reduzido território de cem mil km<sup>2</sup>. O nosso multissecular desprezo do bom ensino e da boa educação está por exigir a *educação excelente* como a maior prioridade. Tudo o mais, incluindo *triplicar o dispêndio público* no setor, *mas sem o magistério bem selecionado* e nada politicamente aparelhado na sua direção, será sempre muito pouco, demasiado moroso e de qualidade medíocre e continuará a nos algarimar ao atraso. O dispêndio do ensino não pode confundir-se com a "excessiva porcentagem" dos funcionários e obreiros fora da sala de aula e muito perto do palanque eleitoral.

Só merece ser professor quem vai ser *modelo do aluno* em qualquer gesto, atitude e fase da sua vida. A decisão de aprender é sumamente estratégica; é o gesto-mor no forja da personalidade e do próprio destino da pessoa em formação. *Só aprende quem quer, quem decide aceitar o convite*. O professor que tiver sido excelente aluno, e possuir as qualidades acima referidas, tem tudo no disponível para catalisar ou deflagrar a decisão e gesto-mor na trama da autoestima e do destino da criança, do adolescente e do jovem acadêmico. É óbvio que tal vocação, pelo menos em cada decênio, necessita ser bem aquilatada por alguma forma de concorrência, exame de Ordem ou nova classificação pautada pelo mérito. Isso pressupõe sempre vencimentos dignos de tal corporação educativa e docente. A indicação de tais funcionários neutros deve ser obra do Estado e do Concurso austero, nunca do mero Governo, com o seu costumeiro *QI de quem indica*, que se atém apenas à próxima consulta da urna. O fundador da Unicamp Zeferino Vaz dizia: "Quando a política entra pela porta, a ciência sai pela janela". Em vez de ciência, entenda-se aqui *educação excelente*, porquanto se abrangem os três patamares: da criança ao graduado terciário e pós-graduado.

Temos tendência de aceitar ideologias fluidas, de pouco comprovada base e relevância prática; por vezes recolhidas do próprio *rejeito* das sociedades políticas da primeira fila. Descuramos demais a lição estridente dos laboratórios mamutes do "socialismo real". Por exemplo, fitamos com demasiada simpatia a democracia dinástica unipartidária e unipessoal da antiga pérola caraíba, com o seu salário mínimo de escassos vinte dólares, que tenta mercar os carros de sessenta anos atrás, depois do centésimo concerto, *sin más ni más*. Assim, consta pequeno capítulo acerca do *pensamento* como força que, eventualmente, pode *exorbitar*, negativa ou positivamente, como se fosse dentro deste *motto* assaz difundido: "*What one believes to be true either is true or becomes true*". Outro capítulo tenta exprimir certa consideração e quase saudade do tempo em que a nossa frágil *democracia presidencialista*, de voto compulsório, sem distrito eleitoral e sem Conselho de Estado, contava pelo menos com oposição condigna, até em demasia. Agrupam-se lampejos acerca de um opositor categorizado, tanto na sua retórica falada quanto no seu jornal: era de ousado verbo, escrito ou proferido, por vezes áspero e injusto. Hoje não temos condizente oposição, peça democrática tão necessária quanto o governo. Preconizam-se instituições democráticas e proficientes, na *tríade necessária* do poder democrático estatal.

Em amostra de fora, comparece um dos *desiguais da natureza*, Charles de Gaulle. Por vezes, a liderança monárquica ou republicana, alhures e até mesmo aqui, se considera como o próprio país ou o próprio Estado, *l'Etat, c'est moi, o Estado sou eu*, que se atribui ao Rei Sol Luís XIV. *Niente senza lo Stato*, nada sem o Estado, como clamava Benito Mussolini. Por oito anos, correu algo bem vozeado ou vuvuzelado por aqui mesmo: "*A opinião pública somos nós*, não a mídia, até porque somos a *encarnação do povo*". Na República Velha, não havia reeleição. Mesmo assim, a imprensa carioca da época chegou a falar em *césares quadrienais*, no atinente a certo arbítrio do poder central da Federação, lembrada que estava ela da mão muito menos *cesárea* do Poder Moderador do Bragança e do seu Ministro primaz parlamentarista. O grande estadista é grande na *ambição* bem orientada e frutuosa, e igualmente na *desambição*, dando-se conta de que a peça do seu *teatro* tem de terminar bem, como todo o modelo literário do gênero. A França tem constituição como se fosse para o próprio Charles de Gaulle. Ainda hoje, a cadeira do poder, nas comportas da proverbial *coabitação* executiva do Chefe de Estado, eleito direta e *presidencialmente* pela urna, e do Primeiro Ministro, designado pelo *parlamento*, não consegue esconder fortes e chatos rangidos. Sem dúvida, a presença da União Europeia, ainda que hoje esteja em séria crise, ameniza o problema, já que há pouco lugar para rupturas radicais. Seja como for, o diploma gaulês não se apresenta como modelo de carta política.

Em outro capítulo, pondera-se a nossa parca e má educação, tanto primária, como secundária e superior, *pari passu* da nossa insuficiente e ruim pesquisa, pouco atrelada aos *empreendedores* e desatenta do registro precavido das *patentes*. Faz-se preciso mais extenso e intenso horário e mais dedicado empenho escolar de três *hélices: conteúdo atualizado, forja do caráter e convívio solidário*. O nosso futuro depende disso. A hercúlea tarefa deve bem responder ao desafio que nos avassala: "*A quem importa entregarmos os sessenta ou setenta milhões de inteligências, mentes e almas das nossas crianças, adolescentes e jovens acadêmicos?*" A própria pesquisa, que do saber deriva e que, na sua vez, o melhora e moderniza, convém que se desprenda da Universidade e invada o empreendimento das corporações, como fazem as sociedades da primeira fila, democráticas ou não.

Contrasta-se, de modo pouco exaustivo, a Brasília *acampamento* e a Brasília festiva e *semicentenária*. Eugênio Gudin, engenheiro e patriarca dos economistas, apontava a JK a urgente necessidade de *desatolar* o Nordeste, de preferência a *deserdar* a então Cidade Maravilhosa, agora *cabotmentório* do crime enrijecido, de sofisticado poder de fogo, qual vultosa guerrilha urbana, como gargalhante hiena e chalaça desbocada no menosprezo do poder. O filósofo escravo e filho de escravos, de nome Epicteto, daria razão a Gudin. O nosso subdesenvolvimento tem muito que ver com a sucessão de *más escolhas de muitos escolhos*, escolhas mais públicas que particulares, no Brasil colônia, no Brasil monárquico e, muito mais, no Brasil presidencialista da enésima edição republicana. De certa forma, em termos reportados ao nosso subdesenvolvimento, a *União* não tem feito a *força* senão a *fraqueza* do conjunto nacional, a que titularmente deve superintender.

Em outro enfoque, toma-se o operoso grupo de bons engenheiros da Embraer pública. Depois de privatizada, em poucos anos transformou-se na terceira ou quarta empresa produtora de aviões civis do mundo. O maior mercado dela é justamente a potência primaz do mundo, que já engranzou uma segunda marcha no jipe lunar; logo o produto da Embraer deve ser de primeira qualidade. Os críticos nunca têm a dignidade ou a coragem de admitir nem de citar o fato que os escarmenta. No caso do telefone, em que pesem as falhas havidas, e falhas têm de haver na pressurosa marcha de entregar um *telefone portátil por segundo*, já temos pipoqueiros e auxiliares de pedreiro de colo entortado de tanto valer-se do seu celular ou *telefone portátil*, como diz o luso.

O mesmo ou mais se pode dizer da Vale privatizada, hoje ainda arditosamente atropelada, porque não pode ser *aparelhada* por inteiro pela ambição sem grandeza dos mais



iguais de George Orwell. Um ano depois de passar para as mãos particulares, pagava *dezesseis vezes* mais impostos ao governo. O minério, que se colhe apenas uma vez, se havia valorizado 350%. A Vale é crescentemente *mais do povo*, porque mais milhões de brasileiros participam dela. Hoje é das maiores do mundo e não se contenta com o minério de ferro; explora ainda níquel em país da primeira fila, ou bauxita, carvão e cobre. O seu defeito é não mais ser do *aparelhamento ideológico*, em geral produtor de escândalos, ineficiência e *deficits*, tudo muito macunaímico. Em tal hora quaresmal, di-lo o pagador de imposto e di-lo, mais audaz, o sociólogo Oliveiros S. Ferreira, no carimbar até mesmo a capa de livro seu de 1983 com a expressão "coisa nossa".

No caso da soberania infinitesimal da urna eletrônica de 2010, a satanização das privatizações, sem o contraste e confronto da oposição, mais ausente que pusilânime, corrompeu por demais o bendito *olho-d'água* da minissoberania do votante. Uma candidatura valeu-se do silêncio acovardado, enquanto a outra candidatura conspurcava o *olho-d'água* pela ênfase embusteira e deslocada da *soberania nacional*. O tema devia ater-se sobremodo à eficiência e efetividade do produto e do serviço oferecido ao *povo pagador de impostos*, cotejando com honestidade e competência a produtividade e produção, bem contrastadas, da esfera pública e particular. Exemplifiquemos com a Telebrás, privatizada em 1998. Quando foi privatizada, o País tinha cerca de *vinte e quatro milhões* de telefones. Em 2010, contava com *duzentos e vinte e quatro milhões* (Ver professora da PUC-Rio, Suely Caldas, p. B2, ESP, 31-10-2010). Em doze anos, quase foram multiplicados por dez os telefones. Neste caso, a classe *deserdada* colheu mais benefícios que os *ricos*; hoje praticamente temos mais telefones que brasileiros. Será que a ampliação dos usuários de telefone corrompeu a *soberania nacional* só porque ela se deve à operosidade do povo trabalhador e do *cidadão comum*, por não pertencer *aos mais iguais ou incomuns de George Orwell*?

Tenta-se promover ou preconizar o Poder Moderador Republicano, tão necessário à *democracia presidencialista*, sobremodo se está desapercibida do *poder moderador* do colt norte-americano. Este, evidentemente, nunca consultou as nossas melhores tradições institucionais. Os Estados Unidos, depois da Guerra de Secessão, não conheceram outro dispendioso e mortífero movimento bélico para impedir ou derrubar o Presidente. Lincoln pereceu do colt pouco depois da longa guerra civil. Diz-se que há quase cento e cinquenta anos que os norte-americanos não conhecem tais revoluções. Cumpre explicitar melhor a realidade. Diferentemente das sólidas monarquias parlamentaristas ocidentais, eles conhecem muito bem os seus *golpes* certos em dar

duas exonerações ilegais à sua Suprema Magistratura da nação, demitindo o titular, a um só tempo, do cargo e da própria vida. Por mais de um século, entre Abraham Lincoln (1809-1865) e Ronald Wilson Reagan (1911-1989), aproximadamente *um sobre nove titulares* da Presidência foi trocado pelo *poder moderador* do *golpe* certo do colt. Outro tanto de titulares, ou fortes candidatos, foi letiferamente atingido, ou salvo pela prontidão da melhor medicina do mundo, quando a salvadora maca de súbito se contrapôs à bala magnicida.

"*Não se governa sem partido, não se administra sem capacidades*", no grito bem vozeado e iterado do deputado liberal francês Léon Gambetta (1838-1882). É o grande sumário na terapêutica dos nossos provados desfalecimentos. Mandonismo plebeu ou aristocrático, por si e necessariamente, não é *autoridade*. O Poder Moderador Republicano constitui a *peça faltante* da nossa arquitetura institucional. Talvez uma condizente e austera reforma pacífica do Senado possa substituí-lo. Em novembro de 2010, dita *peça faltante* exhibe-se, na antiga Cidade Maravilhosa, nua e crua e trágica *et Urbi et Orbi*, difundida como programa desportivo televisionado. Há muito tempo, outros densos e extensos desfalecimentos vêm comparecendo, como os seguintes: voto distrital sempre procrastinado; calotes dos precatórios, no montante de centenas de bilhões, escaqueirando a soberania da justiça e prejudicando centenas de milhares de cidadãos; intolerável, iníquo, antiaritmético e antidemocrático privilégio na aposentadoria do autosservidor público municipal, estadual e, ainda mais, do federal, sobremaneira no escol dos servidores; excesso de partidinhos saltitantes e de comando unipessoal e, concomitantemente, falta de partidos *disciplinados, de identidade perdurável* de trinta anos, pelo menos; reformas, simultaneamente inelutáveis e urgentes, postostas para as calendas helenas; mísera porcentagem de poupança do PIB, sobremodo da autoridade pública, que tem o múnus do serviço público, o que inibe o crescimento econômico; falta de distinção óbvia e prática no homem público entre *folha de serviços* e *folha corrida*; ausência de *plano nacional* continuado, independente e sempre acima da sigla partidária. A lista é meramente exemplificativa. Reitere-se o grito dos administradores: "*Não tudo o que se enfrenta pode ser modificado, mas nada pode ser modificado, até que se comece a enfrentá-lo*".

O colt nortista faz por merecer outro parágrafo. Nenhum *paisano* tomaria o avião, sabedor de tal porcentagem sinistra, o que não significa que a Cadeira do Salão Oval fique sem pretendente. A ambição de "olhar verde" pouco se preocupa com a estatística, mesmo em tímidos corações paisanos, quando se versa tamanha sedução. De certa

forma, pode-se dizer que a *democracia presidencialista* exhibe razoável folha corrida, para poder funcionar estavelmente. No cenário dos subdesenvolvidos latino-americanos, muito menos proficientes no valer-se do poder moderador do colt, *et pour cause*, não faltam outros exonerados do *emprego* e da *vida*, mas preferiram o suicídio. José Manuel Balmaceda Fernández, Salvador Isabelino del Sagrado Corazón de Jesús Allende Gossens mataram-se, como Getúlio Dorneles Vargas, este na fase democrática do seu poder. Na Argentina, em 1955, alguns generais derrotados foram fuzilados, dentro do velho *motto* gauchesco: "*Quem ao inimigo poupa nas mãos lhe morre*". Obviamente, há outros, uma vez que exemplificamos com nações de muita cultura, razoável renda e relativa estabilidade, especialmente no caso do Chile.

No Brasil, o Exército derrubou um Monarca e alguns presidentes, em geral com poucas baixas, afora na revolução constitucionalista de 1932; mas ela não queria derrubar ninguém, reivindicava apenas que houvesse Constituição e democracia para todos. Nunca se preconizou a via barata, enxuta e fulminante do apelo ao *poder moderador golpista* do colt, que exonera o titular duas vezes: do cargo e da vida. Há outro desafio, raramente citado ou bem avaliado, em que o dito Poder Moderador Republicano necessitaria exercer o seu vigilante múnus e responsabilidade. Facilmente abominam os líderes políticos trabalhar para os sucessores; eles pensam na "próxima eleição" e não na próxima geração. Sabem até mesmo lançar mão do orçamento para o fabrico do seu eleitorado, sob as espécies piedosas do social assistencialismo de palanque e de fruto peco, precário e provisório, como ruim remédio para resgatar o deserdado *a título definitivo*. O verdadeiro estadista, mais que na próxima eleição, pensa na próxima geração; ele pensa no plano maior da construção do desenvolvimento, porquanto este é a *assistência social no atacado*, se bem feito e muito bem superintendido pelos poderes republicanos. O *verdadeiro* estadista, na sua plataforma de planta e plano progressivos, procura abarcar até meia centúria adiante ou o próximo século.

Sublinha-se, em outras páginas, a pouco subtil *guerra comercial* hodierna de diversas nações, particularmente a marcialidade do desenvolvimento de algumas sociedades políticas asiáticas, entre tigres e dragões. Em 1949, a frota norte-americana trasladou do continente à ilha Taiwan, antiga Formosa do luso, o exército derrotado de Xiancaixec. Conhecendo-o ou não, o severo metodista Xiancaixec seguiu à risca o impenitente *motto* do escravo filósofo Epicteto: "*A tua convicção é que te impele, porque escolha prepara escolha*". Havia o traslado de favor do enorme exército e o quase vazio da ilha abençoada, mas nua e crua. O povo era, literalmente, o exército, ainda

vestido e com a sua hierarquia, derrotada e triste, mas *hierarquia*, que se traduz, lexicamente, *comando sagrado*. Xiancaixec não via já a derrota, senão a fantástica sorte de garrafa oceânica premiadora, como nunca houve tal na história militar: havia o povo e havia o seu exército, hipostaticamente unos. Aí concebeu a ordem singela e portentosa: "Soldados, nada de bater continência às pirâmides ausentes do deserto. O nosso deserto é sobreúmido. Ordeno a todos, oficiais e praças, que em vinte anos façamos uma China desenvolvida".

O piedoso Xiancaixec, com Epicteto ou com Sun Tzu, ou sem eles, continuou no comando da tropa, quase no rito da caserna. No momento inefável e irrepetível, valeu-se do compasso marcial do *povo fardado* e assoldado, para erguer, em parques decênios, o desenvolvimento econômico de *primeira fila*, num espaço tropical e montanhoso de trinta e cinco mil quilômetros quadrados, quase sem nada, afora terremotos e dramáticas enchentes ou brutas ondas *tsunamis*.

Taiwan constitui uma como China miniaturizada dos sucessores de Mao. Este tinha de haver-se com mais de bilhão de criaturas humanas na miséria, em grande parte esquistossomóticas. Ele, talvez contrariando a lenda, não curou o câncer com o só potar seu, mas enquadrou a ferro e fogo a esquistossomose. O resto os sucessores fariam, sempre mais proficientes que ele no compasso militar, que assoldava o povo no timbre samurai, aprendido pelo jovem Mao *no* Japão e *do* Japão, onde não aprendeu a escovar os dentes, já que o "tigre de bengala também não o fazia". Fora da boa natação do tigre, pouco conheceu a água lustral de outras limpezas. Ele queria a China de pé, forte, aguerrida. Desafiado, afirmou às duras ameaças e arreganhos de Kruchov, que os chineses, mesmo de calças puídas, teriam a bomba atômica. Em nome da elegância possível, com a disciplina do duro metal, o poder seria austero bosquejador da Grande China. Ela reergueu-se como novo 'Império do Meio' que, por dois milênios, fora o primeiro PIB do mundo e, no medievo europeu, exibia-se como a metade do PIB do planeta, epopeia do nunca dantes realizada e do *nunca depois* realizável.

A Coreia do Sul, depois do interminável armistício da longa guerra, adotou instituições ocidentais, com eleições e parlamentarismo, com deputados não necessariamente de nervos britânicos. Ainda assim, o seu rito educativo e alma econômica consultam o passo e compasso da severa caserna, logrando, com a providencial mescla de liberdade, tanto a ousada inovação como a inefável disciplina. Isto lhe assegura, presume-se que precária e provisoriamente, um PIB acima da Rússia ou do Brasil, ao passo que a sua



irmã nortista se contenta com o PIB de fome, nos seus míseros quarenta ou cinquenta bilhões de dólares em 2010. Pondere-se este contraste: a Coreia do Norte tem um exército de mais de milhão de soldados de passo de ganso. Ao lado do inconquistável Dragão, *un million de soldats à quoi faire?* Que fazer com um milhão de soldados ao lado do imane Dragão inconquistável? O realismo é funeral das ilusões.

E vão nascendo na Ásia outras modalidades de tigres, até mesmo na isoterma tropical e equatorial, como o Vietnã, a Malásia e Singapura. Todos vão incorporando e adaptando as lições do Japão de ontem, da China de Taiwan e da China continental de hoje. Tal passo e compasso casernário implica simultaneamente lições e desafios para o Brasil. China e Índia contam, além disso, com armas atômicas. A hegemonia econômica do mundo já tem residência e domicílio no formigueiro humano oriental. O leve e superficial rito ocidental de algumas dessas nações crescentemente vai sendo avassalado pela onda *tsunami* dominante. O comércio e a diplomacia brasileira importa que se precatem em grau máximo, sobretudo a nossa indústria de maior teor tecnológico. Aqui, já é vítima do fisco, do câmbio equivocado, da logística inadequada e da infraestrutura faltante. As nossas reformas adiadas para as calendas helenas têm tudo para sistematizar a nossa *desindustrialização*, já agora com algo como vinte bilhões de dólares de prejuízo anual (2010). Governo, empresas e sindicatos devem entender-se e fazer, concertados e realistas, as suas indispensáveis advertências e pressões, visto que a hora já vai passando e o inimigo é comum. Fustel de Coulanges diria que o interesse é de todos. Em boa parcela, a economia moderna é de vasos comunicantes; onde não há sempre condignos concertos para enfrentar os afoitos e inescrupulosos atores de fora. Os Estados da primeira fila, ou os emergentes mais ousados, vão lançar mão de outras modalidades não menos perniciosas que as nuas e cruas *cartas de corso* das potências de outros séculos e de outros Drakes.

A guerra pouco subtil da concorrência global pede outra vigilância e totalmente outro proceder e fazer, em face do bravio plano e estratégia desses tigres, mormente do gigantesco Império do Meio que, por dois milênios, tem sido o primeiro PIB do mundo. No medievo, pelo cálculo da história que se reescreve, contava com a estonteante *metade do PIB universal*, segundo não poucos peritos. A *frota do tesouro* do século quinze retorna com mestria belicosa. O Império do Meio já incorporou toda a ciência ocidental. No século XIX, com a praga ominosa da esquistossomose, hibernou, por assim dizer, como na *guerra do ópio*. Em termos de fácil percepção, ele vai devolvendo tudo, contado o juro composto da sua paciência e astúcia. O nosso paquiderme de pé

e de olhos abertos importa que comece a trabalhar com plano e entusiasmo, com estratégia de prazo curto, médio e dilatado simultaneamente, com *escolhas* que realizem a *prioridade* preconizada pelo filósofo escravo Epicteto: *A tua convicção é que te impele, porque escolha prepara escolha*. Caso contrário, vamos esmorecer e descair do próprio BRIC, em que nos colocou a generosidade de ousado profissional da mídia.

Em outra clave, dá-se início a um modesto corte institucional. Parte-se do destempero de Floriano Peixoto, que desenferrujou a sua espingarda velha contra “as casacas” bem talhadas e trocou o Império pela República, ao som inebriante da marselhesa e ante o carioca atônico e a nação surpresa. Seguem-se, no conotativo da imagem, *o ensaio, a orquestra e a música* das instituições herdadas ou nossas, que nos cumpre aperfeiçoar em paciente *crescendo* de proficiência, fraternidade e solidariedade, no todo e em cada uma das partes da metade da América meridional, que o nosso previdente pai lusitano nos legou. O portento inefável se deve, em parcela magna, à mão forte e visão realista de três dinastas consecutivos, que consolidaram a fronteira infinda do nosso espaço sob a mesma bandeira e sob a mesma língua, hoje língua portadora do seu inaugural Prêmio Nobel.

Pondera-se que a verdadeira democracia reivindica bom governo, boa administração e ousadia para as *reformas e mudanças* reclamadas pela sociedade, uma vez que já não somos nação *sem povo*, como no século dezenove nos percebia Joaquim Nabuco. As próprias nações da primeira fila, em 2011, exibem erros, descasos e até mesmo sintomas de decadência. Sublinha-se que tais reivindicações pragmáticas pedem as mãos dadas e concertadas, em busca do melhoramento do nosso *ethos* e do nosso *logos*, de planta progressiva, quanto ao *plano nacional*, digno do nome, na via do nosso desenvolvimento e na construção da Pátria Grande. Tenta-se sublinhar que o verdadeiro realismo propende a muito desconfiar das ilusões. O progresso social comprovado é mais tributário da *abundância*, fruto da *eficácia*, do que da *justiça*, preocupação do filósofo, até mesmo porque a *perfeição é inumana*, segundo o desabafo de Fernando Pessoa. Para Ortega, o homem é ele mais as suas circunstâncias; entre elas, adicione-se, não deve faltar a renda e o cifrão do mínimo econômico, fruto *mais do estímulo da poupança que do consumo*, porque poupança e proficiência constituem o único caminho seguro do desenvolvimento *amplo, garantido e perdurável*.

Critica-se o nosso excessivo gosto de *mudar*, mas trocamos quase só o nome das coisas. Acoima-se também o bruto remédio dessa ou daquela “*cláusula pétrea*”, com o que, não

raro, se engessa a crítica necessária e até se proíbe o próprio remédio institucional ou a necessária correção de rota. Importa potenciar a função do empreendedor atualizado, em face da ousada economia globalizada, com criteriosa supervisão da concorrência, na construção da economia madura e do desenvolvimento solidário e sustentado, de planta e plano progressivos. Acima de tudo, a superintendência há de estar nas mãos de um Estado forte, bem apercebido e inamolgável, com defesa dez vezes maior e melhor, longe do Estado mínimo, por causa dos desafios infintos das imensas fronteiras terrestres e marítimas. Por imprudência ou pela subliminar desconsideração ideológica, as nossas Forças Armadas estão condenadas a um jejum quaresmal perigoso, até mesmo pelo débil desempenho de quase todas as forças policiais dos Estados. Recorde-se o Rio de Janeiro. Em outro ponto, procura-se perceber e avaliar a nossa presença no mundo contemporâneo. A nossa sociedade e o peso internacional do nosso desenvolvimento já representam razoável grau de nova nobreza e de pesado compromisso. Não mais se nos permite leviandade ou imaturidade. A herança continental e o destino manifesto nos convidam à edificação da Pátria grande no destemor e na responsabilidade, com *esforço, força, ardil e coração*. (Luís de Camões, X, 20).

## Capítulo I

# DESIGUAIS QUE INVENTAM E DESIGUAIS DE ORGANIZAÇÃO

Em 2003, a editora Triade publicou o livro *"a economia do mais"*, do economista José Mourir Nasser. Ele parece concertar o *"mais igual da natureza"*, que produz a *mutação* técnica, ou de paradigma, no estoque líquido do progresso humano, contrastando-o com aquele do *talento*, que observa e aperfeiçoa a *mutação* inovadora do *gênio*. O talento se atém a orquestrar melhor o que existe, para ampliar o PIB regional com o progressivo *incremento da cooperação*, particularmente nas microempresas que dão muito emprego aos desertados, embora repercutam modestamente no ampliar do PIB; em todo o caso, sempre podem ampliar tal contribuição, na medida em que lancem mão da sua modernização, apoiadas pela autoridade próxima. Gênio inovador e talento aperfeiçoador são ambos importantes e decisivos. O homem, ou a equipe de peritos militares, que acode sob o nome de Sun Tzu talvez nos mostrasse a fácil transposição para o PIB, modificando o seu *motto* de militância, que há mais de dois milênios se cita em prosa e verso no mundo: *"A coisa apresenta-se desta maneira: os bons guerreiros tomam posição em terreno onde eles não podem perder, sem descurar as condições que tendem a inclinar o inimigo à derrota"*. Obviamente, isso foi dito em tempo de difíceis e morosas comunicações; hoje muito disso ficou esbatido e adelgado, mas importa não descartá-lo liminarmente, de modo especial no campo paisano e civil da sua aplicação.

O militar chinês enfatizava que o general de menos recursos e de menos soldados pode superar o inimigo mais aquinhoado, sobremaneira em guerra de pouca duração.